

FMI e Bird pregam limitação do pagamento

Washington — Simultaneamente a abertura das reuniões de primavera do FMI e do Banco Mundial, em Washington, um grupo bastante diversificado de parlamentares, banqueiros e analistas econômicos norte-americanos exortou os países endividados do Terceiro Mundo a limitar unilateralmente seus pagamentos numa percentagem equivalente aos ingressos por exportações, a exemplo do que fez o Peru.

Numa audiência convocada pela subcomissão da dívida internacional uma subdivisão da Comissão de Finanças do Senado dos EUA o banqueiro Henry Breck disse que se os países devedores limitarem unilateralmente seus pagamentos ajudariam aos países credores e aos bancos a "sair da caixa em que eles mesmo têm se fechado" e dentro da qual — na sua opinião — não poderão encontrar soluções para o problema da dívida externa.

Breck é um antigo sócio da **Lehman Brothers**, uma das mais importantes firmas dos Estados Unidos na área financeira. O analista Norman Bailey, que foi assessor econômico do Conselho Nacional de Segurança durante o primeiro governo do presidente Ronald Reagan (1981-1984), afirmou que a estratégia aplicada para o problema da dívida desde 1982 tem fracassado, incluindo o Plano Baker, e propôs que toda a dívida bancária a médio e longo prazo transforme-se em bônus a longo prazo com juros fixos.

Somente dessa forma, disse Bailey, poderá desenvolver-se um mercado secundário amplo e eficiente para os bônus da dívida do Terceiro Mundo e eliminar-se os perigos inerentes a atual estratégia, que ele define como uma "receita congelada para o desastre".

O senador democrata Paul Sabarnes, presidente do Subcomitê de Finanças Internacionais e Política Monetária afirmou igualmente que a estratégia dos últimos cinco anos "tem demonstrado ser inadequada" e que é necessário encontrar uma fórmula que diminua a carga da dívida sobre os países em desenvolvimento em vez de aumentá-la concedendo-lhes mais empréstimos destinados a pagar os juros.

Disse que "é evidente" que um número significativo de bancos norte-americanos estão dispostos a aceitar a perda de uma parte de seus empréstimos ao Terceiro Mundo, que já são negociados com grandes descontos no mercado secundário de valores.

O que falta, afirmou, é um mecanismo que transfira esses descontos aos países devedores, em vez de repassá-los a investidores que vivem de especulação. Ele defendeu a idéia de criação do "Instituto Internacional para o Controle da Dívida", que assumiria a dívida dos bancos e, depois de renegociá-la com os devedores a longo prazo e a juros baixíssimos, a transformaria em bônus negociáveis nos mercados internacionais de capitais.